

# Estudos de Gênero: uma mirada interdisciplinar

*Gender Studies: an interdisciplinary view*  
*Estudios de género: una mirada interdisciplinar*

Roseli de Oliveira Machado<sup>1</sup>  0000-0003-1711-6213

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, Guarapuava, Paraná, PR, Brasil. 85015-430 – [secretaria\\_deadm@yahoo.com.br](mailto:secretaria_deadm@yahoo.com.br)



KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari (Org.).

*Gênero & Interdisciplinaridade.*

1. ed. São José: Sobre o Tempo, 2020, 249 p.

A coletânea *Gênero & Interdisciplinaridade* organizada por Luciana R. F. Klanovicz (2020) inaugura a coleção “Desenvolvimento Comunitário e Interdisciplinaridade”. O livro reúne investigações e experiências de diversas/os pesquisadoras e pesquisadores brasileiras/os de variadas áreas do conhecimento que adotam perspectivas interdisciplinares a partir das quais a categoria gênero é discutida.

O volume está dividido em 16 capítulos, além de sua introdução, que assumem premissas teórico-metodológicas distintas e, ao mesmo tempo, imbricam-se, dialogando entre si e problematizando as relações de gênero em diversos campos ou segmentos da sociedade brasileira – no meio rural, nos espaços institucionalizados das universidades, em museus, no sistema prisional, no sistema de saúde e na mídia.

A organizadora da coletânea, Luciana R. F. Klanovicz, é historiadora e doutora em história, pesquisadora da área dos estudos de gênero há mais de duas décadas e docente de pós-graduação da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Atualmente, coordena o Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero (CIEG). As/os demais colaboradoras/es do livro são provenientes de diversas áreas do conhecimento e, em sua maioria, são docentes, acadêmicas/os e egressas/os da pós-graduação e membros do CIEG. Assim, a coletânea é voltada a um público mais acadêmico. As investigações manifestam reflexões teóricas e trabalhos empíricos, com recortes qualitativos e quantitativos, que se utilizam de diversas técnicas e instrumentos de pesquisa – análise de dados secundários, estudos de caso, entrevistas em profundidade, história oral, dentre outros – trazendo, em muitos casos, a perspectiva dos sujeitos das relações de gênero, a partir de suas vivências e reflexões, o que confere riqueza ao material.

Os conteúdos discutidos na publicação são diversos e, muitas vezes, os trabalhos entrelaçam temáticas principais e secundárias. Assim, destaco aqui as que considero como

mais recorrentes nos textos, sem pretender esgotar a multiplicidade de assuntos tratados ou criar uma estrutura rígida de classificação, tampouco categorias excludentes.

O empoderamento feminino é discutido no contexto das pequenas propriedades rurais em “Viúvas de maridos vivos: autonomia e perspectivas de empoderamento em pequenas propriedades rurais de Pinhão, Paraná”, capítulo no qual traz-se a noção de um empoderamento fluido, que nasce forçosamente entre as esposas com a partida de seus cônjuges, ao passo em que se veem obrigadas a gerir as propriedades.

Os papéis femininos e a divisão sexual do trabalho, bem como os reflexos deles decorrentes, são debatidos em três textos. O capítulo “Mulheres cuidadoras e suas vivências para/com a finitude da vida de um familiar” traz à tona a função de cuidadora ligada à figura feminina nos espaços privados. Mais adiante, em “Mulheres nas engenharias e nas tecnologias” são discutidas as relações de poder e a construção social do lugar de homens e do lugar de mulheres usando o *lôcus* da universidade pública. Este texto ilustra dados sobre a realidade alarmante da inserção de mulheres em campos do conhecimento construídos social e historicamente como masculinos, tal como é o caso das engenharias e da tecnologia. Complementarmente às questões discutidas no âmbito das universidades, o capítulo “Direitos humanos: um olhar sobre gênero nas universidades” traz uma reflexão sobre os direitos humanos sob a ótica de gênero.

O controle sobre os corpos femininos é discutido de forma mais proeminente em quatro diferentes capítulos. Três deles são dedicados à temática da amamentação, quais sejam: “A amamentação como atribuição biopolítica dos corpos femininos”, “Amamentação continuada: reflexões sobre a medicalização do corpo feminino” e “Amamentação, mulher e mídia: uma análise das campanhas publicitárias do Ministério da Saúde”. O quarto capítulo é destinado ao encarceramento de mulheres.

Acerca da amamentação, discute-se como, ao longo do processo de socialização, as mulheres são treinadas para exercerem a maternidade, sendo a amamentação a peça-chave na conformação da mãe ideal, assim como o corpo feminino passou a ser regulado pela medicina nos processos de reprodução, parto e amamentação. Faz-se, dessa forma, necessário devolver às mulheres o protagonismo sobre seus próprios corpos, cujo controle lhes foi subtraído.

Por sua vez, as relações de gênero e poder no sistema prisional são tratadas em “Além da pena: relatos de mulheres presas sobre o cotidiano de uma cadeia pública”. O sistema prisional é ditado por regras masculinas e reflete as assimetrias de gênero e a manutenção do poder sobre as mulheres e seus corpos, especialmente, as negras e pobres que, mesmo antes de adentrar os presídios, são marginalizadas, silenciadas, invisibilizadas e sujeitas à repressão por parte do poder institucionalizado.

As representações do feminino são problematizadas em dois textos – “Museu e mulheres: reflexão sobre história e patrimônios femininos” e “Mulheres em evidência: representações nas capas em histórias em quadrinhos de terror brasileiras (1976-1977)”. No primeiro, discute-se a representatividade feminina em coleções, exposições e curadorias de três diferentes museus, espaços institucionalizados de memórias que manifestam, geralmente, uma lógica androcêntrica. Já no segundo, debate-se como as construções sociais, atravessadas pelas questões de gênero, são refletidas na produção cultural, que expressa valores como a sujeição ao poder masculino, a mulher como objeto de desejo e o erotismo.

As assimetrias de gênero, expressas nos mais variados segmentos da sociedade, e a interrelação entre gênero, etnia, raça e condição social, são discutidas no campo da saúde pública em “Perfil epidemiológico de mulheres notificadas com HIV/AIDS entre 2007 e 2017 em Guarapuava, Paraná”, texto que retrata como as mulheres estão mais expostas atualmente à contaminação pelo HIV e evidencia um processo de feminização da doença.

A violência contra a mulher é tema central de dois capítulos. Inicialmente, em “Políticas públicas para as mulheres no Brasil: das delegacias às redes de atendimento às mulheres em situações de violência” é traçada uma perspectiva histórica, a partir da década de 1970, das políticas públicas de proteção às mulheres no país, com destaque para a criação das delegacias especializadas de atendimento às mulheres, a promulgação da Lei Maria da Penha e da Lei do Feminicídio e a instituição da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra Mulher. A violência sexual é retratada em “Gênero e violência: uma análise sobre a violência sexual e formas de combatê-la”, evidenciando-se que perpassa todas as classes sociais, raças, etnias, religiões, idades, nacionalidades e sexualidades. Trata-se de um fenômeno multifacetado, com vários formatos e que compreende uma das principais formas de violação dos direitos das mulheres enquanto pessoas humanas.

A diversidade de formas de expressão do gênero, para além do binarismo que se apresenta na leitura tradicional do sistema de gênero e assenta-se na noção específica de masculino e feminino, é discutida em “Acuenda a bajubá, não faça a pêssega! Reflexões a partir das percepções de uma transgênera superdotada”, material que traz a diversidade, as individualidades e as lutas por reconhecimento daqueles que não se encaixam nas estruturas sociais de um sistema binário.

Finalmente, as masculinidades e a virilidade são abordadas em dois capítulos – “Homens e masculinidades: o que é ser homem” e “O homem e sua afirmação através da virilidade”. Nestes textos, o ser homem, uma construção social pautada nas relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, é discutido, questionando-se a existência de uma masculinidade hegemônica na atualidade, e apresentando-se um recorte da construção histórica deste fenômeno, herdeiro do patriarcado e presente em um contexto mediado pela cultura.

Considerando o conjunto de textos que integram a coletânea, é interessante levar em conta que o campo de estudos relativo ao gênero e às mulheres é marcado por divergências de posições, debates e controvérsias que demonstram sua evolução constante e recente. Além disso, o conceito de gênero não é uniforme e recebe contribuições do movimento feminista e de variadas perspectivas teóricas, que destacam as muitas possibilidades de entendermos a complexidade das relações sociais e de poder.

Nessa arena, duas importantes vertentes que contribuem para as discussões de gênero podem ser identificadas na literatura. A primeira agrupa perspectivas que assumem o binarismo homem-mulher, assim como a interdependência e a complementaridade entre eles; e a segunda, pós-moderna, busca romper com esse binarismo.

Na coletânea *Gênero & Interdisciplinaridade* identificamos trabalhos que encontram aporte teórico nestas duas correntes. Na primeira, temos a presença majoritária dos estudos, que buscam alicerces em conceitos da antropologia, que considera gênero como fluido, dinâmico e construído a partir das relações sociais, a exemplo do trabalho seminal da historiadora norte-americana Joan Scott para quem gênero é elemento constitutivo de relações sociais, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder (Joan Wallach SCOTT, 1995). Na segunda, de viés pós-moderno, temos o estudo que discute a transgeneridade e lança um olhar para as diversas manifestações de gênero e vivências da sexualidade, e encontra bases na teoria *queer*.

Sabemos que os estudos nessa área transitam em um campo interdisciplinar, por excelência, e agregam pesquisas que buscam a compreensão das relações de gênero e suas interfaces com diversas áreas (Ana Alice COSTA, 2011). Assim, considero que a coletânea promove o efetivo encontro do gênero com a interdisciplinaridade, em consonância às pesquisas realizadas na Universidade. Friso também a importância de divulgarmos as produções de grupos de pesquisa e/ou programas de pós-graduação brasileiros para além das costumeiras publicações de artigos científicos, em coletâneas como essa em pauta, como forma de valorização do conhecimento produzido nesse *locus*.

Após esse breve percurso sobre os temas presentes no volume, percebo que ainda que a coletânea seja marcada pela multiplicidade de debates teórico-metodológicos, assuntos e contextos, carece de estudos que, a meu ver, enriqueceriam o debate, ainda mais em se tratando da realidade brasileira. Nesse sentido, temáticas que poderiam ser incorporadas aos textos incluem o feminismo decolonial e o feminismo negro. Mas talvez isso tornasse o material extenso demais, comprometendo sua exequibilidade.

Por fim, destaco que, além de transitar em um campo interdisciplinar, os estudos de gênero têm uma história tributária dos movimentos feministas e de busca por direitos humanos e civis (Joana Maria PEDRO, 2005) e que buscam entender e combater as diversas manifestações de opressão, assim, a escolha de *Gênero & Interdisciplinaridade* para inaugurar a coleção “Desenvolvimento Comunitário e Interdisciplinaridade” mostra-se bastante apropriada.

## Referências

COSTA, Ana Alice Alcântara (Org.). *Estudos de gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano*. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2011.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari (Org.). *Gênero & Interdisciplinaridade*. 1. ed. São José: Sobre o Tempo, 2020.

PEDRO, Joana Maria. “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica”. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

**Roseli de Oliveira Machado** ([romachado@unicentro.br](mailto:romachado@unicentro.br); [roseli\\_unicentro@yahoo.com.br](mailto:roseli_unicentro@yahoo.com.br)) é doutoranda no Programa Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste (PPGDC/UNICENTRO), com pesquisa ligada a Gênero, Trabalho e Estudos de Comunidade. Administradora (Universidade de São Paulo, 2002), com mestrado em Administração (Universidade de São Paulo, 2005). É pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero (CIEG/UNICENTRO).

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

MACHADO, Roseli de Oliveira. "Estudos de gênero: uma mirada interdisciplinar". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 3, e85983, 2022.

---

#### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

---

#### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

---

#### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

---

#### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

---

#### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

---

#### LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

---

#### HISTÓRICO

Recebida em 15/02/2022

Aceita em 14/06/2022

---

